



Joseph Ratzinger

Olhar

para
Cristo

Exercícios de fé, esperança e caridade

em que elas se baseiam. Por fim, como terceiro elemento, podemos apontar certa verificação do saber na experiência cotidiana. Embora eu não seja capaz de demonstrar como funciona uma corrente elétrica, o funcionamento diário dos meus equipamentos constitui uma prova em si, fazendo com que eu, embora não seja um dos que sabem, não aja com uma fé «pura» e totalmente carente de confirmação.

Seria o agnosticismo uma saída?

Com tudo isso, descortinam-se perspectivas para a fé religiosa e semelhanças estruturais. Todavia, se tentamos fazer agora a transição, uma objeção de peso logo se interpõe, e poderíamos formulá-la da seguinte maneira. Talvez ocorra que, na convivência humana, seja impossível «saber» tudo o que é necessário e útil para a vida e que nossa capacidade de agir se baseie no fato de que participamos do «saber» dos outros mediante um ato de «fé». No entanto, nisso permanecemos na esfera do saber humano, que em princípio pode ser adquirido por todos. No caso da fé na Revelação divina, a fronteira

a fundo. Pressupõe um conhecimento verdadeiro e específico de pessoas qualificadas e críveis. A isso se acrescenta, em segundo lugar, a confiança de «muitos» que, em seu uso cotidiano das coisas, confiam na solidez do saber em que elas se baseiam. Por fim, como terceiro elemento, podemos apontar certa verificação do saber na experiência cotidiana. Embora eu não seja capaz de demonstrar como funciona uma corrente elétrica, o funcionamento diário dos meus equipamentos constitui uma prova em si, fazendo com que eu, embora não seja um dos que sabem, não aja com uma fé «pura» e totalmente carente de confirmação.

Seria o agnosticismo uma saída?

Com tudo isso, descortinam-se perspectivas para a fé religiosa e semelhanças estruturais. Todavia, se tentamos fazer agora a transição, uma objeção de peso logo se interpõe, e poderíamos formulá-la da seguinte maneira. Talvez ocorra que, na convivência humana, seja impossível «saber» tudo o que é necessário e útil para a vida e que nossa capacidade de agir se baseie no fato de que participamos do «saber» dos outros mediante um ato de «fé». No entanto, nisso permanecemos na esfera do saber humano, que em princípio pode ser adquirido por todos. No caso da fé na Revelação divina, a fronteira do conhecimento humano é ultrapassada. Mesmo que a existência de Deus possa tornar-se «saber», a Revelação e seus conteúdos continuam sendo questão de «fé» para todos, algo que jaz além de tudo quanto se faz acessível ao nosso conhecimento. Não há mais como se referir ao conhecimento específico de algumas pessoas em que,

porque conhecem as coisas por investigação própria, poderíamos então confiar. Desse modo, mais uma vez nos encontramos – e com todo o vigor – diante da seguinte pergunta: esse tipo de fé seria compatível com a consciência crítica moderna? À pessoa madura dos tempos de hoje, não seria mais adequado deixar de julgar essas matérias e esperar o momento em que a ciência puder dar respostas definitivas também a essas questões?

A atitude expressa nessas perguntas sem dúvida corresponde à consciência média do acadêmico de hoje: a honestidade do pensamento e a humildade diante do desconhecido parecem recomendar o agnosticismo, ao passo que o ateísmo já sabe demais e claramente carrega em si certo elemento dogmático. Ninguém pode afirmar que «sabe» – em sentido estrito – que Deus não existe. Pode-se trabalhar com a hipótese de que Ele não existe e tentar explicar o universo a partir dela. A ciência moderna trabalha fundamentalmente com esse pressuposto. Todavia, quando o método respeita esses limites, fica claro que o âmbito da hipótese não pode ser ultrapassado e que mesmo uma explicação ateísta do universo, embora aparentemente correta, não conduz à certeza científica da inexistência de Deus. Ninguém é capaz de apreender experimentalmente a totalidade do Ser e suas condições. Nesse ponto, simplesmente chegamos aos limites da condição humana, da capacidade cognitiva do homem como tal – e isso não apenas sob as condições atuais, mas de maneira essencial e intransponível. A questão de Deus não pode ser confinada aos limites da pesquisa científica *stricto sensu*. Nesse sentido, a afirmação de um «ateísmo científico» constitui uma presunção contraditória, ontem, hoje e amanhã. Todavia, tanto mais se impõe, aqui, o problema de saber se a questão da existência de Deus

ultrapassa mesmo os limites da possibilidade humana, fazendo com que o agnosticismo seja a única atitude correta do homem real, leal, quiçá até «piedoso», na acepção mais profunda da palavra – o reconhecimento de que nosso campo de visão tem limites e de que não podemos chegar ao inacessível. A nova religiosidade do pensamento não deveria, talvez, deixar de lado o imperscrutável e contentar-se com o que nos foi dado?

Quem quiser responder a essa pergunta, que é própria do homem que crê, deve se precaver de qualquer precipitação. Com efeito, diante desse tipo de humildade e piedade, logo se nos impõe o argumento de que a sede de infinito faz parte da essência do homem – e mais: que ela é a própria essência humana. Seu limite só pode ser a falta de limites, e as fronteiras da ciência não devem ser confundidas com os limites de nossa existência propriamente dita. Isso revelaria uma compreensão equivocada tanto da ciência quanto do ser humano mesmo. Ali onde almejasse esgotar os limites do conhecimento humano, a ciência sairia do âmbito científico.

Tudo isso me parece verdadeiro, mas tratar-se-ia, como já se disse, de uma resposta precipitada. Devíamos, antes, examinar pacientemente a hipótese do agnosticismo quanto à sua sustentabilidade, isto é, quanto à sua consistência como resposta não só à ciência, mas à vida humana. Por conseguinte, a pergunta correta a ser levantada é: a proposta do agnosticismo é passível de ser realizada? Podemos nós, na condição de seres humanos, simplesmente deixar de lado a questão de Deus, as perguntas que questionam de onde viemos, para onde vamos e a medida do nosso ser? Podemos simplesmente viver de maneira hipotética, «como se Deus não existisse», ainda que talvez Ele exista? Para o homem, a questão

de Deus não é um problema teórico como, por exemplo, a pergunta sobre se existem elementos ainda desconhecidos da tabela periódica, etc. Antes, é eminentemente prática e se estende a todos os setores de nossa vida. Se, portanto, faço valer o agnosticismo na teoria, na prática devo decidir entre duas possibilidades: viver como se Deus não existisse ou viver como se Deus existisse e fosse a verdade normativa da minha existência. No primeiro caso, adotei praticamente uma posição ateísta, fazendo de uma hipótese que pode ser falsa a base de toda a minha vida. Se, porém, me decido pela segunda opção, movo-me numa religiosidade puramente subjetiva que pode lembrar Pascal, cujo embate filosófico, no início da era moderna, girava todo em torno dessa constelação especulativa. Por chegar à convicção de que essa pergunta de fato não pode ser resolvida no plano do pensamento puro, recomendou aos agnósticos que tentassem a segunda opção, vivendo como se Deus existisse. Ao longo da experiência, e apenas por meio dela, chegariam à conclusão de que fizeram a opção correta³.

De todo modo, a luz da solução agnóstica parece não resistir a um exame mais minucioso. Como teoria pura, o agnosticismo parece brilhante; no entanto, em essência, ele é mais do que mera teoria: o que está em jogo é a prática da vida. É onde quer que se tente «praticá-lo» nessa sua dimensão real, o agnosticismo se esvai como uma bolha de sabão. Ele se dissolve porque não consegue fugir da escolha que justamente tenta evitar. Para o homem, não há neutralidade possível diante da pergunta

(3) *Pensées*, 451, 4, na edição da Bibliothèque de la Pléiade, Paris, 1954; cf. R. Guardini, *Christliches Bewusstsein. Versuche über Pascal*, Munique, 1950, págs. 199-246.

sobre Deus. Ele só pode dizer sim ou não, com todas as conseqüências que isso traz até mesmo para as coisas mais ínfimas da vida.

Interlúdio: a insensatez dos sábios e as condições da verdadeira sabedoria

Nessa altura, gostaria de interromper por um instante a nossa reflexão, que talvez se tenha tornado algo abstrata, a fim de introduzir uma parábola bíblica. Retomaremos depois o fio de nosso pensamento. Penso na história contada por Jesus e registrada em Lucas 12, 16-21.

A terra de um rico produziu muito. Ele, então, refletia: «Que hei de fazer? Não tenho onde guardar minha colheita». Depois pensou: «Eis o que farei: demolirei meus celeiros, construirei maiores, e lá recolherei todo o meu trigo e os meus bens. E direi à minha alma: Minha alma, tens uma quantidade de bens em reserva para muitos anos; repousa, come, bebe, regala-te». Mas Deus lhe disse: «Insensato, nesta mesma noite ser-te-á reclamada a alma. E as coisas que acumulaste, de quem serão?». Assim acontece àquele que ajunta tesouros para si mesmo, e não é rico para Deus.

Sem dúvida, o rico dessa parábola é inteligente. Conhece seu negócio. Sabe calcular as possibilidades do mercado, levando em consideração os fatores de insegurança que vêm tanto da natureza quanto do comportamento humano. Suas reflexões são sensatas, e o êxito lhe dá razão. Se ampliarmos um pouco a parábola, poderíamos dizer que ele certamente é inteligente demais para ser ateu. No entanto, estivera vivendo como agnóstico,